

# DESCORTINANDO A MARCHA URBANIZADORA EM ILHA DE GUARATIBA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR SEUS MORADORES<sup>1</sup>

MARCIO LUIS FERNANDES  
MESTRE E DOUTORANDO EM GEOGRAFIA  
[Mlf2501@hotmail.com](mailto:Mlf2501@hotmail.com)

## RESUMO

Em relação ao inexorável processo de urbanização da sociedade, alardeado há décadas por vários pesquisadores, é comum a utilização de textos de cientistas e intelectuais especializados nas questões relacionadas ao(s) fenômeno(s) urbano(s) como principal referência. Por representarem interpretações da realidade, as citadas elucubrações podem ser consideradas informações de segunda e/ou terceira mão, pois somente um “nativo” faz a interpretação em primeira mão. Sem abdicar dos referenciais teóricos dos cientistas sociais que se debruçam sobre a questão urbana, neste texto, utilizaremos, igualmente, a experiência vivida dos moradores de Ilha de Guaratiba como a principal fonte de nossa pesquisa em uma tentativa de descortinar a marcha urbanizadora na referida porção espacial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ilha de Guaratiba. Marcha Urbanizadora. Experiência Vivida.

## RESUMEN

Relacionando el inexorable proceso de urbanización de la sociedad, mencionado hace décadas por varios investigadores, es común usar textos de científicos e intelectuales especializados en esas cuestiones como principal referencia a esos problemas. Como son interpretaciones de la “realidad”, deben ser consideradas como informaciones útiles, pero no informaciones directas, ya que solamente las personas nativas del lugar pueden dar opiniones realmente directas. Sin dejar de lado las referencias teóricas de los científicos sociales que investigan el tema de urbanización, en este texto, utilizaremos directamente la experiencia vivida por los moradores de la Ilha de Guaratiba como la principal puente de nuestra investigación tratando de individualizar las causas y los problemas de la expansión urbanizada en este “espacio geográfico”.

**PALABRAS CLAVES:** Ilha de Guaratiba. Expansión del área urbana. Experiencia vivida.

1 – Texto extraído da dissertação de mestrado em geografia sob o título “Decodificando Geografias Pretéritas e Hodiernas de Ilha de Guaratiba”, orientada pelo professor doutor João Baptista Ferreira de Mello, defendida em 26 de novembro de 2010 na UERJ.

## **PRIMEIRAS PALAVRAS**

Na vertente humanística, a distribuição espacial dos eventos e fatos sociais não representa o elemento determinante da pesquisa. O fundamental para os geógrafos deste horizonte é a existencial maneira de viver das pessoas nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraindo experiências (CLAVAL, 2001).

Apesar desta constatação, acreditamos que, em casos específicos, as metamorfoses espaciais são responsáveis por uma gama de acontecimentos relevantes para a aura do lugar, influenciando direta ou indiretamente seus vivenciadores (FERNANDES, 2003; 2006).

Em relação ao processo de mudanças espaciais que ocorre em Ilha de Guaratiba há algumas décadas, verificamos, no seu transcorrer, a construção de símbolos de outrora e hodiernos – materiais e imateriais – que estreitam ainda mais a relação do guaratibano com seu universo vivido. Sendo assim, os diferentes contextos geográficos que serviram de pano de fundo para as experiências vividas no lugar em foco não poderiam ser negligenciados, motivo pelo qual decidimos por sua explanação (FERNANDES, 2010; 2012).

Nessa trilha, empregando os fundamentos metodológicos da geografia humanística, quais sejam as filosofias do significado: fenomenologia e hermenêutica (TUAN, 1980; 1983; MELLO, 1991; 2000) – o presente texto aborda a marcha urbanizadora em Ilha de Guaratiba no entendimento de seus moradores. Entendendo que somente os indivíduos e grupos sociais integrantes de seu universo vivido são capazes de interpretar sua espacialidade em primeira mão por meio de suas vivências, embates e experiências (GERTZ, 2013; BARCELLOS, 2006), utilizaremos as experiências vividas pelos guaratibanos em seu lugar vivido como base investigativa – a começar pelo contexto rural-agrícola de outrora da localidade em tela.

### **A PRETÉRITA ESTRUTURA RURAL-AGRÍCOLA**

Os escritos compilados pelo saudoso Rivadávia Pinto, exímio historiador do recorte espacial em questão, constituem um acervo relevante a respeito da

história de Ilha de Guaratiba. Após o aludido pesquisador ser vitimado por um acidente automobilístico, sua obra passou às mãos de seu sobrinho, Nilson Pinto, 52 anos, a quem nos dirigimos a fim de situarmos temporalmente a espacialidade pretérita do lugar mencionado.

Embasado nas pesquisas de seu tio, Nilson nos assegura que os registros da história de Guaratiba remontam a 1579, anos após a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (PINTO,1986). Segundo este artigo, o lugar era habitado pelos índios Tupi-Guaranis. A rotina destes só veio a ser alterada com a chegada de Manoel Velloso que junto com a esposa, Jerônima Cubas, filha de Brás Cubas, veio morar na recém constituída sesmaria de Guaratiba com sua família e, a partir de então, passou a construir e administrar engenhos de produção de açúcar e aguardente para exportação (PINTO, 1986). No século XVIII, a cultura cafeeira também incidiu sobre o local, principalmente nas encostas da Serra Geral de Guaratiba. Nesse contexto, o café provocou uma verdadeira devastação nas matas do Rio de Janeiro e, particularmente, em Guaratiba, onde ainda hoje se verifica nas encostas dos morros, espécimes isolados oriundos dessa época. O apogeu e o declínio das riquezas dos setores canavieiro e cafeeiro introduziram no local especificidades e particularidades que lhe imprimiram características que persistem até hoje (PERFIL DE GUARATIBA, 2005).

O local em foco se caracterizou como um dos últimos remanescentes rurais do município do Rio de Janeiro. A habilidade dos guaratibanos no trato com a terra fez de Ilha de Guaratiba, durante décadas, um verdadeiro “cinturão verde”, grande produtor de frutas, verduras e hortaliças. Os alimentos produzidos eram vendidos no CEASA, no próprio local de cultivo e, principalmente, nas feiras livres espalhadas pelo Rio de Janeiro. Em Ilha de Guaratiba, o dia do descanso semanal era a segunda-feira, pois no domingo, o dia era de feira (FERNANDES, 2003; 2006; 2009).

Para entendermos melhor a disposição dos elementos e a rede de relações que constituíam a pretérita estrutura rural-agrícola do referido lugar, recorreremos às experiências vividas por um dos moradores mais antigos de Ilha de Guaratiba, que nos passou o seguinte relato: Em suas palavras,

Entre as décadas de 1930 e 1940, Ilha de Guaratiba era um grande laranjal, com exceção dos morros, onde predominava a banana. Eu trabalhei em diversas fazendas que naquela época produziam laranja que era exportada para os Estados Unidos. No entanto, com o desenrolar da Segunda Grande Guerra, a exportação do produto decaiu bastante. Por conta disso, o apodrecimento das frutas nos pés originou uma praga que deu início a um processo de decadência dessa cultura. No pós-guerra, a laranja aqui produzida deixou de ser exportada, passando a ser comercializada apenas no CEASA e nas feiras livres. Nesse ínterim, muitos laranjais foram sendo substituídos por hortas e pelo cultivo de outros produtos como mamão, legumes e verduras, iniciando assim um processo de diversificação da produção agrícola tendo em vista o comércio interno desses produtos. Nessa época, os bondes saíam daqui lotados de produtos da roça (legumes, verduras e frutas), principalmente para Campo Grande, onde eram comercializados.

Com 87 anos de idade e de experiências vividas em seu lugar, o guaratibano Mário Sardinha pode ser considerado uma enciclopédia viva que muito tem a nos revelar sobre o passado agrícola de Ilha de Guaratiba. Esbanjando simpatia e orgulho em relatar sobre seu vínculo com o lugar, quando no mesmo ainda vigorava uma estrutura agrícola, o Sr. Mário – que foi agricultor, feirante e produtor de ornamentais em períodos distintos – oferece uma ideia de como era o local estudado durante este período. No início de sua fala, o citado morador se reporta aos grandes laranjais que predominavam na referida espacialidade na primeira metade do século XX. Nestes termos, qualificando as palavras do Sr. Mário, consideremos livremente as elucubrações de Abreu (2008) quando frisa que a produção citrícola agiu como grande freio à onda loteadora até a primeira metade do século passado, impedindo que alguns municípios da Baixada Fluminense e bairros da Zona Oeste tradicional do Rio de Janeiro fossem atingidos pela febre imobiliária de então. Entretanto, com a eclosão do conflito mundial, as exportações entraram em colapso, pois toda a laranja era exportada em navios frigoríficos estrangeiros, que não mais aportavam no Rio de Janeiro. Ademais, a falta de armazéns frigoríficos e o transporte rodoviário deficiente das chácaras para a ferrovia conduziram ao apodrecimento das frutas nos pés, originando uma praga citrícola que dizimaria grande parte das plantações. Ao findar a guerra, com a produção não atendendo mais ao mercado interno, a exportação da

laranja foi proibida, conferindo o golpe de misericórdia nos que conseguiram conservar seus laranjais durante a crise. A partir de então, os laranjais foram substituídos pelos loteamentos em municípios como Nova Iguaçu e em bairros como Campo Grande.

Essa marcha urbanizadora, no entanto, não ocorreu em Ilha de Guaratiba neste contexto temporal, uma vez que muitos de seus laranjais foram mantidos para atender a demanda interna, como bem salientou o Sr. Mário, e os demais foram substituídos por uma diversificação de culturas agrícolas que passou a caracterizar o lugar como um verdadeiro cinturão-verde – grande produtor de hortifrutigranjeiros – que passaram a ser comercializados nas diversas feiras-livres da cidade (FERNANDES, 2003; 2006; 2009).

### **A DECADÊNCIA DAS FEIRAS-LIVRES**

O relato do Sr. Mário, esboçado no tópico anterior, nos remete à estrutura agrícola de Ilha de Guaratiba de outrora e sua dependência em relação às feiras-livres que, a partir da década de 1950, passaram a representar uma espécie de âncora para muitos guaratibanos, sendo responsável pela manutenção da produção agrícola do lugar. Sobre esta modalidade varejista, vejamos o que tem a nos informar Evanir de Souza (76 anos de idade):

Na época áurea das feiras-livres, iniciou-se aqui na Ilha um torneio de futebol chamado “ruim de bola” que acontecia toda segunda-feira. O bairro todo participava dessa grande festa semanal, mas seus organizadores eram os antigos produtores, que eram também feirantes. Só a partir de terça-feira a semana começava, pois na segunda era feriado por aqui. Como a principal feira da maioria dos produtores acontecia no domingo, decretou-se no lugar a segunda-feira como o dia do descanso semanal, uma vez que nesse dia ocorriam poucas feiras pela cidade e o movimento de fregueses era pequeno. De terça a sábado, era necessário dar duro na roça a fim de garantir mercadoria para mais uma semana de feiras.

Até a década de 1980, ser feirante em Ilha de Guaratiba era símbolo de status. Todavia, a decadência das feiras-livres rompeu radicalmente com o modo de viver de boa parte dos guaratibanos. O início desse processo ocorreu devido ao encarecimento dos implementos agrícolas e a posterior invasão de produtos vindos de outras regiões do estado, como Petrópolis e Nova Friburgo, e até mesmo de São Paulo. Consequentemente, muitos dos feirantes da localidade deixaram de produzir o que vendiam, tornando-se feirantes

atravessadores, uma vez que passaram a comprar no CEASA os produtos que seriam posteriormente revendidos por eles nas feiras-livres.

O golpe de misericórdia na feira livre e naqueles que dela dependiam foi dado pelo advento dos sacolões, uma vez que essa espécie de quitanda popular recebia produtos com preços que representavam uma concorrência desleal para nós, feirantes-produtores.

O autor do supra-citado relato, antes de migrar para o ramo paisagístico, foi produtor rural e feirante. Mesmo sendo um pouco mais jovem que o Sr. Mário, Evanir de Souza vivenciou parte do apogeu da feira-livre, bem como seu processo de esvaziamento. Durante seu depoimento, foi possível captar uma atmosfera nostálgica quando se reportava aos áureos tempos em que a estrutura do lugar baseava-se em uma relação mais estreita com a terra e com as pessoas. Do mesmo modo, notamos sua frustração quando, ao final, fez menção à decadência do referido comércio. Trata-se, pois, da força inexorável do chamado progresso.

Na concepção de Mascarenhas (1991, p. 1)), “a feira-livre consiste em modalidade periódica de comerciantes varejistas” que expõem em estruturas versáteis suas mercadorias, utilizando para isto a via pública, dependendo portanto de concessão da municipalidade para temporariamente se apropriar dos logradouros (p. 12). Assim sendo,

o feirante não é proprietário da fração espacial que utiliza, ao contrário do comércio tradicional. Ele apenas adquire, em caráter provisório, o direito de usufruir daquele espaço em dias da semana e horários preestabelecidos pelo poder público, para expor determinados produtos (MACARENHAS, 1991, p. 13).

Amplamente dispersa pela cidade do Rio de Janeiro, a feira-livre vem desempenhando, ao longo do tempo, um importante papel no abastecimento urbano, sobretudo no setor alimentar (verduras, legumes, frutas e pescado). Dos bairros de elite da Zona Sul aos subúrbios da Zona Oeste, essa reunião periódica encontra-se integrada ao cotidiano da vida social carioca. A partir da década de 1970, no entanto, uma nova modalidade de varejo entra em cena: os supermercados. Sua rápida expansão na cidade inaugura um período de forte concorrência com os tradicionais mercados periódicos, comprometendo

seu desempenho e modificando radicalmente sua distribuição espacial (MASCARENHAS, 1991).

Retornando ao relato de Evanir de Souza, podemos constatar que a aura do lugar privilegiava a agricultura, onde a maioria das terras cultiváveis era utilizada por seus proprietários – notadamente pequenos e médios produtores agrícolas – para produzir frutas, verduras e legumes que eram comercializados em grande parte nas feiras livres localizadas em bairros distintos. A atividade agrícola, voltada para esse comércio varejista, possibilitava aos produtores de Ilha de Guaratiba uma espécie de autossustentação, conferindo suporte, durante muitas décadas, a essa atividade no local.

A decadência das feiras livres, iniciada com o advento dos supermercados a partir da década de 1970 (MASCARENHAS, 1991), e agravada pela proliferação das quitandas populares (sacolões) por toda a cidade a partir de 1990 (FERNANDES, 2006; 2010), deixou a maioria dos produtores agrícolas de Ilha de Guaratiba sem mercado consumidor para seus produtos, fazendo com que esta atividade ruísse vertiginosamente no local. Daí em diante, todo o lugar começou a mudar, desde sua paisagem e configuração espacial, até as pessoas e seu modo de viver.

Apesar das transformações decorrentes da crise da pretérita Ilha de Guaratiba – representada pelas antigas atividades econômicas – muitas marcas do passado do lugar ainda resistem. Exemplo disso é o futebol que persiste em acontecer no mesmo dia da semana (segunda-feira), mantendo o mesmo nome de antes (ruim de bola). A diferença é que, hodiernamente, participam deste torneio empresários e comerciantes do lugar, e não mais agricultores e feirantes, como em outrora. Outra marca do passado é representada por alguns agricultores que até hoje tentam resistir, persistindo com suas tradicionais plantações de verduras e legumes. Outros produtores, no entanto, passaram a produzir plantas ornamentais nas terras antes destinadas à agricultura. Esse foi o caso de Evanir de Souza, que após ter vivenciado a decadência da feira-livre e da agricultura local, tornou-se paisagista por meio da influência de Burle Marx – com quem trabalhou – sendo

hoje um dos maiores produtores de plantas ornamentais do Rio de Janeiro, proprietário do Horto Rio Verde (FERNANDES, 2003; 2006; 2009).

### **A INFLUÊNCIA DE ROBERTO BURLE MARX**

Por outro lado, a conversa que tivemos com Evanir de Souza foi relevante, não apenas por nos ajudar a desvendar o geográfico contexto pretérito do lugar relacionado à sua agricultura e à sua relação com as feiras-livres. Evanir, como já foi dito, migrou da agricultura e do referido mercado periódico para o ramo paisagístico e, conseqüentemente, para o comércio de ornamentais, sendo diretamente influenciado pelo paisagista Roberto Burle Marx, com quem trabalhou. Segundo o depoimento de Marlon, 35 anos, tal influência ocorreu como

um efeito cascata, uma vez que seus discípulos diretos, representados por aqueles que com ele trabalhavam, passaram a produzir ornamentais em suas propriedades, a fim de complementar a produção do Sítio, que não dava mais conta da demanda. Esses antigos aprendizes, em grande parte, são hoje proprietários das maiores chácaras e hortos de Ilha de Guaratiba, influenciando assim produtores, jardineiros e paisagistas que hoje vivem dessa atividade.

Tentando elucidar a maneira como Ilha de Guaratiba e as pessoas do citado lugar têm sofrido a influência do prestigioso paisagista em questão, Marlon, funcionário e guia do Sítio Roberto Burle Marx, assevera que os muitos trabalhos de Burle Marx passaram a demandar uma grande quantidade de ornamentais, da qual seu sítio de produção não dava mais conta. Assim sendo, seus funcionários passaram a dar suporte a essa produção por meio do cultivo de plantas em suas, até então, ociosas propriedades. Segundo o mesmo depoimento, daí em diante, esses novos produtores floristas foram se tornando donos de seu próprio negócio e influenciando muitos a mudarem de ramo e de vida. Mas tudo teria começado, segundo Marlon, a partir de Burle Marx.

Para dar conta da grande quantidade de plantas que demandavam seus muitos jardins, em 1949, o referido paisagista adquiriu o antigo Sítio Santo Antônio da Bica – hoje Sítio Roberto Burle Marx – com mais de 35 mil metros quadrados, localizado aos pés da Serra Geral de Guaratiba, onde passou a



produzir, ambientar e colecionar centenas de espécies ornamentais. Devido às muitas amizades que fez e à grande afinidade que possuía com o lugar, além da necessidade de estar mais próximo de seu trabalho, Burle Marx mudou-se em definitivo para Guaratiba em 1973, intensificando assim sua influência sobre o local (CAL S, 1995; SÁ, 2008).

Da mesma forma como a produção de hortifrutigranjeiros substituiu a citricultura após sua crise nos anos 1940/1950, garantindo a aptidão agrícola dos guaratibanos, a floricultura – principalmente após 1990 – vem substituindo as tradicionais roças de Ilha de Guaratiba. Esse fenômeno, no entanto, não seria tão bem sucedido não fosse o prestígio de Roberto Burle Marx, que nas palavras de Marcelo Paes Costa, 41 anos, representou um marco,

um divisor de águas entre uma segmentação econômica (a agricultura) e outra (o paisagismo). Nesse aspecto, Ilha de Guaratiba foi uma coisa antes de Burle Marx e outra depois dele. Os hortos mais antigos do local começaram a ganhar visibilidade depois que o eminente paisagista começou a difundir Guaratiba pela cidade. Ilha é hoje um grande polo produtor de plantas ornamentais, conhecido até fora do estado, graças a ele.

Como a maioria dos moradores de Ilha de Guaratiba, Marcelo não questiona a importância do eminente paisagista para o lugar. Para Chel, como Marcelo é carinhosamente conhecido, a transição da agricultura para a floricultura e o paisagismo só foi possível devido à mediação de Burle Marx.

Além de ter possibilitado uma alternativa viável de trabalho à comunidade guaratibana, Burle Marx é uma das principais referências da localidade, sendo constantemente lembrado. Exemplo disso é a adoção de seu nome pelo maior colégio do local e a substituição do nome da antiga estrada da Barra de Guaratiba, que passou a se chamar Estrada Roberto Burle Marx. Apesar da indiscutível influência de Burle Marx sobre o lugar, pessoas que conviveram diretamente com o paisagista, relatam que as influências foram recíprocas:

Trabalhei diretamente com o Burle Marx durante 13 anos (de 1982 a 1994). Na verdade eu morava na Tijuca e trabalhava no escritório dele em Laranjeiras. Eu frequentava o sítio apenas quando tinha alguma festa, isso em 1982, quando conheci esse lugar e passei a trabalhar aqui. Ele gostava tanto desse lugar que passou a divulgá-lo em todo canto. Por onde ia, falava de

Guaratiba. Ele se mudou do Leme pra cá por causa dessa afinidade que possuía com a localidade e principalmente com o sítio, de onde só saía em casos extremos.

Dentre as pessoas que conviveram diretamente com Burle Marx está o paisagista Luiz Alberto, 47 anos. Em seu depoimento, Lula faz questão de salientar sobre a forte relação de afetividade e apego emocional de Burle Marx para com Guaratiba, o lugar que escolheu para trabalhar, morar e viver.

Por ser apaixonado pela natureza e pelo bucolismo de suas paisagens, Burle Marx – que também era pintor – escolheu Ilha de Guaratiba para viver, trabalhar e produzir suas telas, utilizando seu belíssimo cenário como pano de fundo e inspiração. Foi assim que esse eclético artista produziu centenas de pinturas, magnetizado pela beleza cênica do lugar que escolheu como âncora e também para viver suas experiências (SÁ, 2008; TUAN, 1980; 1983).

A despeito de manter a função primeira da terra, a produção de ornamentais está comprometida com uma nova estrutura que se delinea na localidade, relacionada ao mercado imobiliário. Atualmente, sua principal função é o suprimento da demanda crescente dos condomínios e construtoras que têm no “paisagismo fetiche” uma de suas estratégias para a transformação da terra em mercadoria imobiliária. Em Ilha de Guaratiba, no entanto, esse processo especulativo teve seu marco na década de 1970 através, inicialmente, da aquisição de sítios e terrenos que deram origem às primeiras residências secundárias da localidade.

## **A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E AS RESIDÊNCIAS SECUNDÁRIAS**

Uma outra abordagem sobre Ilha de Guaratiba nos é passada pelo médico José Humberto Resende, 61 anos, que como muitas outras pessoas, foi alvo da especulação imobiliária fomentada a partir da década de 1970, tornando Ilha de Guaratiba um dos locais mais procurados por aqueles que desejam fugir momentaneamente da agitação metropolitana, como ele mesmo salienta:

Cheguei aqui em Ilha de Guaratiba em 1976, quando adquiri esta residência. Escolhi passar as férias e finais de semana aqui por ser um lugar tranquilo, aconchegante e com a Mata

Atlântica ainda muito preservada em relação a outros locais da cidade. Como médico, sempre nutri um desejo por criar um lugar onde pudesse estudar e relaxar, pois em Copacabana, onde moro, isso é impossível. Por isso mesmo, a casa que fiz aqui é permanente. Embora permaneça durante a semana em Copacabana devido ao trabalho, é esse o lugar que escolhi pra viver com minha família.

Por meio de seu depoimento, o referido médico explicita os motivos que o levaram a adquirir uma segunda residência em Ilha de Guaratiba. Dentre as razões que interferiram em sua escolha, são citados os atributos naturais, associado ao bucolismo e a tranquilidade – contrapondo-se à agitação do bairro onde reside permanentemente. Relacionando o fenômeno da aquisição das residências secundárias à análise do processo de urbanização do Rio de Janeiro, não há como desconsiderar a atuação do capital especulativo imobiliário no processo de produção de moradia, sendo este um dos grandes responsáveis pelo espraiamento da malha urbana carioca (ABREU, 2008; RIBEIRO, 1997). Neste contexto, Ribeiro e Coelho (2007) nos apontam para o surgimento das novas formas de morar dirigidas pelo capital imobiliário às classes de maior poder aquisitivo, que por sua amplitude no meio urbano, tem contribuído para a reestruturação espacial e expansão das metrópoles. Como exemplos materializados espacialmente, podemos citar os condomínios residenciais. No entanto, essa lógica relacionada à produção do espaço urbano, muitas vezes, inicia-se a partir do processo de aquisição de residências secundárias pelas classes economicamente privilegiadas, como nos aponta Assis (2003) para um contexto geral e Fernandes (2003; 2006; 2009) para um contexto específico, baseando-se no processo de urbanização de Ilha de Guaratiba.

Em sua pesquisa sobre a expressão espacial do fenômeno da segunda residência, o geógrafo Lenilton Francisco de Assis se preocupa em tentar elucidar as principais causas do evento espacial em pauta, esclarecimento que coincide com o relato esboçado anteriormente por José Humberto. Em sua análise sobre as repercussões espaciais do fenômeno da segunda residência, Assis (2003) salienta que, a partir do processo de metropolização de certas cidades, cada vez mais se fazia necessário que o homem urbano saísse das

áreas centrais superpovoadas em direção às periferias metropolitanas na busca do reencontro com a natureza. Essa era uma forma de aliviar os estresses cotidianos e renovar suas energias. O espaço urbano, que outrora fora o centro de atração das habitações e do homem do campo em busca de trabalho, agora, apesar de concentrar diversas funções, leva seus moradores a buscar novas áreas que lhes ofereçam as condições necessárias para uso do tempo livre em contato com a natureza. Assim sendo, devido à proximidade das áreas centrais, as periferias metropolitanas passaram a representar os principais alvos dos especuladores imobiliários que procuram valorizar os atributos naturais e culturais desses espaços, ofertando-os aos segmentos sociais específicos que dispunham de renda excedente para adquirir uma residência secundária.

Assis (2003) propõe ainda que o fenômeno da segunda residência é um dos responsáveis pelo processo de urbanização da periferia, uma vez que determinado capital migra para as áreas periféricas, materializando-se por meio de imóveis que passam a representar também uma reserva de valor imobiliário. Ao pressupor a disponibilidade de uma renda excedente, a residência secundária deixa de ser apenas uma alternativa de lazer, passando a ser também uma opção de investimento. A partir do momento em que a segunda habitação passa a agregar também um valor de troca, entra em cena o maior responsável pela transformação do espaço periurbano: o especulador imobiliário. Este, por meio de propagandas insidiosas, tem por objetivo a transformação dos atributos naturais e das amenidades da periferia metropolitana em verdadeiros chamarizes residenciais, como podemos ver abaixo em relação à especulação imobiliária em Ilha de Guaratiba:

Enfim, chegou sua vez de viver no paraíso! Aqui na Terra mesmo. Gambás e preás aos montes atravessam desconfiadas o asfalto. Bois caminham sem pressa, em fila indiana, rumo aos pastos. Saguis em penca fazem macaquices nos galhos das árvores. Garças e patos selvagens, em sua leveza, desenvolvem coreografias cênicas sobre lagos e córregos em voos espetaculares. Assim é a vida por aqui. Parece que o tempo parou. É sem dúvida o novo Recreio! A diferença é que aqui você ainda negocia com caipiras decentes a preços baixos. Minissítios para você morar junto ao bom e ao melhor, “longe e perto” de áreas caras e saturadas (FERNANDES, 2006, p.42).

Na citação acima, extraída de um folder publicitário (J. Brandão Negócios Imobiliários), o que mais nos chama a atenção é a ênfase conferida aos atributos naturais do lugar, onde o mesmo é vendido como um verdadeiro paraíso perdido em meio à metrópole carioca. Esta propaganda imobiliária do início dos anos 1980 revela a gênese de uma prática muito comum nos dias atuais, mas com uma diferença bastante significativa: o romantismo que o citado anúncio nos tenta passar justifica-se pela conjuntura do lugar naquele momento. Na realidade, nesse período, Ilha de Guaratiba não passava de uma localidade caracterizada pelas atividades rurais – pautadas, principalmente, na agricultura, e nos muitos sítios – como o do Dr. Humberto – visitados por seus proprietários nos momentos de lazer. Era o típico fim de semana na roça. Assim sendo, esse tipo de anúncio tinha como público alvo, pessoas interessadas em adquirir uma área relativamente grande, onde pudessem construir um sítio que, na maioria dos casos, abrigava também uma habitação secundária. No entanto, a partir do início dos anos 1990, novas agências imobiliárias começam a oferecer às camadas privilegiadas economicamente um produto diferenciado em relação ao oferecido por seus precursores. As habitações secundárias, aos poucos, começam a ceder lugar aos condomínios onde a habitação passa a ser permanente.

Retornando à abordagem de Assis (2003), quando o mesmo se debruça sobre o processo de transformação da segunda residência em habitação permanente, o referido geógrafo explica que na última fase deste processo, o perímetro original é absorvido pela expansão metropolitana, formando, agora, uma parte da própria cidade, ao passo que as segundas residências anteriores são metamorfoseadas em residências permanentes. Atualmente, em Ilha de Guaratiba, é cada vez maior o número de pessoas que optam por residir em suas antigas residências secundárias. Além disso, famílias, oriundas, sobretudo, do eixo Recreio-Barra-Zona Sul, têm encontrado no lugar uma qualidade de vida satisfatória, considerando-se suas vantagens locacionais, como preços relativamente baixos, disponibilidade de terra, atributos da paisagem, ínfimos índices de criminalidade, entre outras. Esses últimos, no

entanto, representam uma nova modalidade de residentes: aqueles que optam pelos condomínios horizontais.

Apesar de simbolizar uma nova dinâmica espacial em Ilha de Guaratiba, o fenômeno da produção de moradia – em uma escala de análise mais ampla – revela, como aponta Ribeiro (1997, p.199), a continuidade do processo de expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro:

A partir da segunda metade do século XIX, especialmente depois de 1870, a cidade do Rio de Janeiro sofre importantes transformações urbanas geradas pela ação de um conjunto de capitais que passam a investir sobre o espaço urbano. Entre eles, o que poderíamos chamar de capital imobiliário, aplicado na produção de moradias para aluguel e na compra, parcelamento e venda de lotes de terra anteriormente utilizados para fins agrícolas...

No caso específico de Ilha de Guaratiba, a desarticulação da estrutura rural-agrícola, anterior ao processo de consolidação do lugar como reserva de valor imobiliário, desencadeou um processo de transformação espacial que vem mudando sua feição espacial. Considerando que cada local combina variáveis de tempos diferentes (SANTOS, 1997), no lugar estudado, percebemos a existência de elementos representativos de fases anteriores ao processo de mudança em questão que ainda resistem em meio às inovações. Como exemplos, podemos citar alguns resquícios das atividades rurais do passado e a persistência de muitos sítios que ainda são utilizados como opção de lazer nas férias e nos finais de semana (segunda residência). Uma vez que o processo é a ação contínua que implica tempo, continuidade e mudança (SANTOS, 1992), entendemos que o fenômeno da segunda habitação representou a gênese da metamorfose pela qual Ilha de Guaratiba passa. No bojo das residências secundárias, no início da década de 1990, começaram a surgir os primeiros condomínios residenciais, fruto da crescente valorização imobiliária promovida no lugar.

## A VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA E O ADVENTO DOS CONDOMÍNIOS

As vantagens comparativas do lugar, utilizadas como pano de fundo nas propagandas imobiliárias, foram expostas por Paulo César (42 anos) do seguinte modo:

Ao meu ver, o motivo preponderante da valorização imobiliária – responsável pela construção dos condomínios – e da consequente vinda de pessoas para cá, é a natureza e a tranquilidade. No entanto, esses não são os únicos fatores. Associado a isso, está a menor carga tributária (IPTU) em relação ao Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e a bairros da Zona Sul. Além disso, o fator proximidade também pode ser incluído nesse pacote, uma vez que estamos próximos a essas áreas.

Embora tenhamos essa característica rural, estamos dentro de uma metrópole, que é a cidade do Rio de Janeiro. Ilha de Guaratiba permitiu às pessoas que para cá vieram, estar em um lugar agradável e pleno de amenidades, pagando um valor bem menor, em comparação à Barra e ao Recreio que é logo ali.

Como residente e profundo conhecedor de seu lugar vivido, Paulo César, ou Paulinho – como é conhecido – sintetiza as características da localidade, que para ele são preponderantes para a valorização imobiliária que culminou com a construção dos atuais condomínios na localidade. Paulino aponta os atributos naturais, a disponibilidade de terras, além da proximidade relativa da área central e de bairros dotados de subcentros comerciais e de serviços como os principais fatores de valorização imobiliária que promoveram, tanto a aludida mobilidade residencial, quanto a consequente gênese dos condomínios que passaram a ser construídos para dar conta desse novo e crescente público. Mais que isso, o citado morador referencia uma carga tributária menor como estímulo para a migração rumo ao oeste.

Criado sobretudo nas áreas novas da metrópole dotadas de amenidades naturais, o condomínio exclusivo horizontal é o resultado de um processo de efetiva valorização fundiária e promoção imobiliária. Constituindo-se no “eldorado” para uma alta classe média oriunda, em parte, das antigas áreas nobres da cidade, os condomínios caracterizam-se pela autossegregação de grupos sociais que, dispendo de renda, podem residir onde lhe aprouver. E a

escolha da nova residência é influenciada pela maciça propaganda em torno das amenidades e do novo estilo de vida (CORRÊA, 1992).

Como fruto da crescente valorização imobiliária na década de 1990, surgiram em Ilha de Guaratiba os primeiros condomínios residenciais. O local, que durante séculos foi pouco explorado, o qual os populares diziam ter parado no tempo em relação a outras localidades do município do Rio de Janeiro, passa, então, a chamar atenção de um grande número de pessoas, em meio a inúmeros problemas metropolitanos. Seus domínios começaram a ser objeto de desejo no que tange a residir em um local pleno de amenidades, proporcionando aos que desejam fugir da metrópole uma qualidade de vida compatível com seus anseios. Nesse sentido, não é demais repetir, os atributos do lugar como montanha, verde, tranquilidade, segurança, entre outros, são então utilizados como chamarizes para aqueles que almejam estar, paradoxalmente, próximo e distante da vida urbana, como o morador Paulo César aponta em seu depoimento.

Enquanto conversávamos com o Paulinho, percebemos que o mesmo não conseguia se dissociar do lugar. Em frases como ‘nós estamos’ e ‘embora tenhamos’, esse guaratibano apaixonado por seu mundo vivido, expressa em meio a uma explícita introjeção, que não há separação entre ele e seu lugar, como preconizam, Buttimer (1982); Lowenthal (1982); Cosgrove (2004) e Tuan (1983).

Como exposto anteriormente, a gênese da corrida em direção ao aludido “paraíso perdido” no interior da metrópole, ocorreu quando vários proprietários de segunda residência passaram a residir permanentemente no local. Esse fenômeno chamou a atenção de alguns especuladores imobiliários, que passaram a explorar os encantos da localidade em suas propagandas publicitárias. Esse tipo de ativismo especulativo persistiu durante a primeira metade da década de 1990, aumentando assim a demanda por imóveis em uma escala onde as antigas propriedades, como os sítios e minissítios, não davam mais conta. Começaram a surgir então os primeiros condomínios residenciais horizontais, sendo estes construídos em áreas planas do local,



sobretudo na planície da maré, por meio de intensos aterramentos de manguezais e canais aluviais.

Desde a instalação dos primeiros condomínios no subespaço particular, denominado genericamente sub-bairro (SOUZA, 2004), a valorização imobiliária é crescente. A cada dia, morar no sub-bairro fica mais dispendioso e difícil, principalmente nos condomínios que, com raríssimas exceções, representa uma opção apenas para pessoas oriundas de áreas valorizadas como Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e bairros da Zona Sul. Esse fato se justifica pelo alto valor conferido aos terrenos, sendo acessível apenas a classes privilegiadas economicamente que, em grande parte, residem em áreas valorizadas da cidade.

Por representar uma modalidade de empreendimento que necessita de grande extensão, e sendo erguidos sobre áreas de preservação ambiental, os condomínios residenciais horizontais, além de representar o pilar de uma nova tendência urbano-residencial, figuram como os maiores responsáveis pela reprodução de inúmeros impactos ambientais. Uma vez que a infraestrutura que poderia dar um melhor suporte ao processo de urbanização na área estudada inexistente, a degradação ambiental passa a denotar uma preocupação constante para muitos guaratibanos.

## **A HODIERNA TENDÊNCIA URBANA E OS IMPACTOS AMBIENTAIS**

Ao atingir sua meta, trazendo para a localidade muitas famílias oriundas de outros bairros da cidade, as investidas dos promotores imobiliários fomentaram também, no bojo desse fluxo, uma verdadeira metamorfose espacial, considerando que essa mobilidade pressupunha mudanças estruturais para abrigá-la. Assim sendo, aos poucos, a natureza foi cedendo lugar aos empreendimentos imobiliários, estes promovendo uma série de impactos ambientais, um problema rechaçado por vários guaratibanos, como a professora Maria Elena (67 anos) e o paisagista Marlon (35 anos) em seus depoimentos transcritos a seguir:

Quanto maior a população em um lugar, maior a poluição, maior a quantidade de lixo, maior a contaminação dos rios, antes, povoados

por lagostas, caranguejos e peixes. Na mata também encontrávamos preguiças, tamanduás, capivaras e outros bichos. Hoje, no entanto, muito dessa riqueza já não existe mais, havendo ainda o risco de perdermos o pouco que sobrou (MARIA ELENA).

O lado ruim de todo esse processo de valorização imobiliária e urbanização, é a ausência de infraestrutura básica. Sem um necessário planejamento urbano, esse crescimento pode representar um risco muito grande para aquilo que o lugar tem de melhor: a sua natureza. A inexistência de esgotamento sanitário tem contaminado os rios e o lençol freático. O desmatamento nas encostas e o aterramento dos manguezais têm sido constantes, contribuindo ainda mais para a degradação ambiental (MARLON).

Mesmo distintos em alguns aspectos, tanto o relato da Maria Elena quanto o do Marlon evidenciam a preocupação desses moradores em relação aos impactos à natureza do lugar, causados pela implementação dos novos empreendimentos imobiliários e pelo incremento populacional. No entanto, enquanto a professora salienta apenas sobre os riscos advindos dos impactos produzidos por esse aumento no número de residentes, o paisagista enfatiza, igualmente, a ausência de um suporte infraestrutural que, se existisse, poderia minimizar os citados impactos ao meio físico-natural, que segundo ele, é o que o lugar tem de melhor.

Pertinente aos sentimentos e sensações dos indivíduos e grupos sociais em relação a uma agressão ao seu mundo vivido, exemplificados pela apreensão demonstrada pelos referidos vivenciadores de Ilha de Guaratiba devido às agressões ao seu meio ambiente comum, podemos deduzir, com base em Tuan (1980), que os problemas ambientais são, fundamentalmente, problemas humanos. O referido pensador, certamente, baseia-se na visão totalizante, compartilhada também por Corrêa (1992), que inclui o elemento humano em sua conceituação de meio ambiente. Contudo, tanto em meio à introjeções, quanto em relação à abordagem da geografia humana que privilegia o homem, incluindo-o em suas investidas, é inegável também que toda ação humana sobre a natureza, (re)produz impactos ambientais (DREW, 2002).

Ampliando a escala de análise em torno da relação entre o crescimento urbano e os impactos causados à natureza, é interessante nos reportar ao emblemático processo de consolidação da metrópole carioca que, comprimida

entre o mar e a montanha, ladeada por praias, restingas, baixadas pantanosas e florestas, teve seu crescimento forjado na luta pelo espaço e na superação das distâncias, geradas por esse mesmo crescimento, frente às condições especiais do seu meio físico (GALVÃO, 1992).

Apertado entre a montanha e o mar, o Rio de Janeiro teve nesses elementos naturais, os grandes balizadores da sua expansão(...). O desenvolvimento da tecnologia permitiu que esses obstáculos fossem gradualmente sendo vencidos, possibilitando que a cidade passasse a incorporar, na sua malha construída, espaços que outrora eram considerados impróprios ou improváveis à ocupação urbana (ABREU, 1992, p.54).

Dentre os espaços considerados impróprios ou improváveis ao espraiamento da malha urbana carioca, estavam, além dos maciços e montanhas citadas por Abreu, também os canais aluviais, áreas de restingas, bem como manguezais e florestas. Todos estes antigos fatores limitantes, no entanto, não representaram empecilho ao crescimento metropolitano. Sendo assim, desde os primeiros séculos de colonização, os aterros contribuíram para a organização do espaço urbano carioca. Com o crescimento da cidade, houve a necessidade de rompimento das elevações com a perfuração de túneis desde 1887 (CARVALHO, 2002). Mais recentemente, a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes ganharam expressão em meio ao espraiamento do tecido urbano carioca. Nas últimas décadas, o Rio cresce em direção a planície de Guaratiba (FERNANDES, 2006; LESSA, 2001), em meio ao receio de seus residentes com a conseqüente deterioração dos biossistemas naturais que caracterizam seu lugar.

As preocupações do Marlon e da Maria Elena, representando a coletividade do referido lugar, se justifica, pois, sendo uma área de baixada com um verde amplo e exuberante, cercada em grande parte pelo Maciço da Pedra Branca (Serra Geral de Guaratiba), Ilha de Guaratiba tem como marcas mais importantes sua belíssima paisagem natural, sendo este o pano de fundo utilizado pelos agentes imobiliários a fim de atrair adeptos de um etilo de vida baseado em um contato mais próximo com a natureza. O lugar é composto basicamente por duas unidades de conservação, quais sejam a Reserva

Biológica e Arqueológica de Guaratiba, localizada na planície da maré, e o Parque Estadual da Pedra Branca, do qual as elevações da Serra Geral de Guaratiba também fazem parte (ATLAS DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1990). Além disso, segundo o Sindicato Rural e a Prefeitura do Rio de Janeiro, Ilha de Guaratiba representa uma importante área de preservação rural e ambiental. Quem ratifica essa informação, como mencionado, é a própria prefeitura, em meio a um município tido como urbano.

Ampliando ainda mais o referido processo de transformações espaciais, desta vez para uma análise global, o crescimento das cidades e a urbanização do mundo é, segundo Wirth (1976), um dos fatos mais notáveis dos tempos modernos. O referido cientista social lembra que a mudança de uma sociedade rural para uma predominantemente urbana, se verificou no espaço de tempo de uma só geração em alguns países centrais. O autor, no entanto, preocupa-se também em traçar a diferença entre urbanismo e urbanização, onde a urbanização refere-se à forma urbana, representada pelas construções, e o urbanismo, ao estilo de vida peculiar das cidades. Muitos outros teóricos também se debruçam sobre a temática envolvendo a distinção entre a cidade e o urbano, uma vez que o senso comum costuma se referir a esses termos como sinônimos.

Por representar uma realidade hipercomplexa e por possuir diversas dimensões, o urbano é representado de formas variadas. Nesse sentido, Yázig (2003), em seu discurso sobre os diversos valores que envolvem o ambiente urbano (valor histórico, valor social, valor econômico, valor afetivo etc.), salienta sobre a relevância do sentimento de pertença na construção de um patrimônio urbano permanente. Segundo Yázig, sem querença não se pode esperar grande coisa de um aglomerado urbano, cada vez mais convertido em uma forma moderna de acampamento. O valor afetivo, portanto, representa uma condição indispensável para a construção de um espaço urbano que seja compreendido como patrimônio e como um ambiente topofílico (TUAN, 1980).

Para Corrêa (2000), a necessidade de maior consumo de espaço em decorrência da valorização fundiária responsável pela valorização dos imóveis

nas áreas centrais, aponta, ao mesmo tempo, condições bem mais vantajosas nas periferias distantes dotadas de amenidades. Sobre estas circunstâncias, o processo de urbanização de uma porção periférica da cidade do Rio de Janeiro como Ilha de Guaratiba, muito mais que uma mera mudança espacial, representa transformações subjetivas nas quais seus residentes passam a vivenciar um diferente estilo de vida, baseado em novos valores. Nesse sentido:

A urbanização já não denota meramente o processo pelo qual as pessoas são atraídas a uma localidade intitulada cidade e incorporada em seu sistema de vida. Ela se refere também àquela acentuação cumulativa das características que distinguem o modo de vida associado com o crescimento das cidades e, finalmente, com as mudanças de sentido dos modos de vida reconhecidos como urbanos (WIRTH, 1976, p..93).

Para Tuan (1980, p. 260) “o subúrbio é um ideal, pois sugere um estilo de vida perfeito, no qual se combina o melhor da vida rural e urbana sem os seus defeitos”. No encaixe desse estilo de vida alternativo, pessoas de classe média têm se deslocado para Ilha de Guaratiba. Consideremos, a seguir, as ideias de outro morador de Ilha de Guaratiba, o sociólogo Kleber de 34 anos, colocando o seu ponto de vista a respeito do lugar:

Vimos para Ilha de Guaratiba em 1982, onde fui criado. Sendo uma família de classe média, morávamos na Tijuca. Na época, minha mãe procurava um lugar mais tranquilo para criar os filhos, por conta da violência e da criminalidade. Havia, portanto, uma preocupação com nossa educação e formação e também para que tudo estivesse mais sob controle. Adoramos o lugar. Ao chegar, nos deparamos com todo esse espaço. Nossa qualidade de vida deu um salto considerável. O que mais nos chamou atenção, no entanto, foi o ar interiorano da localidade. O lugar tem essa coisa lúdica da roça. O lugar ainda respira essa atmosfera, não sei por quanto tempo. Esse é o grande atrativo de Ilha de Guaratiba.

O supracitado relato esclarece os motivos pelos quais áreas (sub)urbanas como Ilha de Guaratiba representam um ideal para determinados indivíduos e grupos sociais. Entre as razões que levaram Kleber e sua família a se mudarem de um dos bairros mais tradicionais do Rio de Janeiro para a área periférica em foco, está a busca por um lugar mais tranquilo para viver. Um local onde um novo estilo de vida em contato mais próximo com a natureza e o

campo pudesse aflorar sem que fosse necessário se desvencilhar por completo da cidade.

Apesar de se aproximar da fenomenologia e da hermenêutica em algumas de suas pesquisas e conferências, o geógrafo João Rua não comunga com a vertente humanística. No entanto, objetivando elucidar a questão relacionada às múltiplas interações entre o rural e o urbano, acreditamos ser pertinente sua asserção. Em seu caminho investigativo, o referido pensador (RUA, 2002a; 2002b) enfatiza, tanto a questão das manifestações do urbano no rural, fenômeno por ele denominado urbanidades, quanto a força do rural diante do urbano (ruralidades). Para Rua, as novas ruralidades comandam o atual processo de reestruturação espacial, uma vez que o rural, ao ser incorporado pelo processo geral de urbanização, se integra ao urbano guardando algumas especificidades.

Em suas considerações teóricas acerca das urbanidades e das novas ruralidades, Rua caminha em direção às abordagens que se referem à hibridez dessas novas realidades espaciais (SANTOS, 2002), uma vez que as duas realidades se (con)fundem. Assim sendo o “velho” ou “interno”, representado pela pretérita estrutura rural de Ilha de Guaratiba, ao associar-se ao “novo” ou “externo”, retratado por seu hodierno processo de urbanização (SANTOS, 1997), conferem ao lugar uma gama de novas características, especificidades, particularidades, singularidades, além de um amplo nicho de símbolos recentes e de outrora que se apresentam à nossa interpretação e podem ser igualmente decodificados por meio das experiências vividas pelos guaratibanos em desdobramentos futuros.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2008. 155 p.

ASSIS, Lenilton Francisco de. Turismo de Segunda Residência: a Expressão Espacial do Fenômeno e as Possibilidades de Análise Geográfica. *Revista Território*, Rio de Janeiro: set/out, 2003. p. 107-122.

ATLAS das unidades de conservação da natureza do estado do Rio de Janeiro, 1990. Paginação irregular.

BARCELLOS, Frederico Roza. Espaço e Lugar: O olhar geográfico Machadiano sobre o Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX. Dissertação de mestrado em geografia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. 82 f.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-193.

CALS, Soraia. *Roberto Burle Marx: uma Fotobiografia*. Rio de Janeiro: Bolsa de Arte, 1995. Paginação irregular.

CARVALHO, Ronaldo Cerqueira de. *Rio de Janeiro : Uma cidade conectada por túneis – panorama até o final dos anos sessenta*. 2002. Monografia (Especialização em Geografia) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002. Paginação irregular.

CLAVAL, Paul. O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35-86.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Meio Ambiente e a Metrópole. In: ABREU, Maurício de Almeida. *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992. p. 27-36.

\_\_\_\_\_. *O Espaço Urbano*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2000. 94 p.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

DREW, David. *Processos Interativos Homem-Meio Ambiente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 224 p.

FERNANDES, Marcio Luis. *Ilha de Guaratiba: De Espaço a Lugar*. Monografia de final de graduação em geografia. Rio de Janeiro: MSB, 2003. 44 p.

FERNANDES, Marcio Luis. A Valorização do “Espaço” produzindo a valoração do “Lugar:” O caso de Ilha de Guaratiba – R.J. Monografia de especialização. Rio de Janeiro: Departamento de geografia, UERJ, 2006. 56 p.

\_\_\_\_\_. Por uma Necessária Mudança de Valores: uma proposta para a produção de um espaço (urbano) que privilegie o uso e não a troca. Anais do II simpósio nacional o rural e o urbano no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Decodificando Geografias Pretéritas e Hodiernas de Ilha de Guaratiba. Dissertação de mestrado em geografia. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. 99 f.

\_\_\_\_\_. O Caráter Identitário da Toponímia. Anais do terceiro congresso internacional do núcleo de estudo das Américas. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Não paginado.

GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. Focos sobre a questão ambiental no Rio de Janeiro. In: ABREU, Maurício de Almeida. Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992. p. 13-26.

GERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2013. 213 p.

LESSA, Carlos. O Rio de Todos os Brasis: Uma Reflexão em Busca de Auto-Estima. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 478 p.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e Imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRITOFOLETTI, Antônio. Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 103-141.

MASCARENHAS, Gilmar. O Lugar da Feira-Livre na grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989). Dissertação de mestrado em geografia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991. 220 p.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira – 1928/1991 – uma introdução à geografia humanística. Dissertação de mestrado em Geografia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991. 300 p.

\_\_\_\_\_. Dos Espaços da Escuridão aos Lugares de Extrema Luminosidade – O Universo da Estrela Marlene como e documento para a construção de conceitos geográficos. Tese de Doutorado em Geografia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. Paginação irregular.

Perfil de Guaratiba.XXVI Região administrativa (GUARATIBA): Setor de Coletas de Dados e Informações, 2005. Paginação incorreta.



PINTO, Rivadávia. Guaratiba: Um Orgulho de 407 Anos. Artigo in NOPH, 1986. Sem paginação.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997. 352 p.

RIBEIRO, Miguel Ângelo; COELHO, Maria do Socorro Alves. A importância do fenômeno da segunda habitação e suas implicações com a atividade de lazer-veraneio: o exemplo do Estado do Rio de Janeiro. CD-ROM da ANPEGE, 2007. Sem paginação.

RUA, João. Urbanidades e Novas Ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: Algumas considerações teóricas. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (Org). Estudos de Geografia Fluminense. Rio de Janeiro: Infobook, 2002. p. 27-42.

\_\_\_\_\_. Urbanização em áreas rurais no estado do Rio de Janeiro In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (Org). Estudos de Geografia Fluminense. Rio de Janeiro: Infobook, 2002b. p. 43-69.

SÁ, Fátima. Burle Marx Não Morreu. Revista O Globo. Ano 5. N°227. Rio de Janeiro: 30 de novembro de 2008. Paginação irregular.

SANTOS, Milton. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses do Espaço Habitado. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 117 p.

\_\_\_\_\_. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2002. 384 p.

\_\_\_\_\_. Mudar a Cidade: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 556 p.

TUAN, Yu Fu. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980. 288 p.

\_\_\_\_\_. Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 90-113.

YÁZIGI, Eduardo. Patrimônio Ambiental Urbano: refazendo um conceito para o planejamento urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs). Dilemas Urbanos: Novas Abordagens sobre a Cidade. São Paulo: Contexto, 2003. p. 253-265.